Jazz
25 Março 2011

Carlos Barretto Lokomotiv

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

© Bernardo Sassetti

Contrabaixo Carlos Barretto
Guitarra Mário Delgado
Bateria e percussões José Salgueiro

Sex 25 de Março
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h10 · M12

Jazz português

Regra geral, as efemérides são meras comemorações do passado, mas no caso da celebração dos 15 anos de vida dos Lokomotiv é o futuro que há-de vir o principal motivo da festa. Com disco acabado de sair, *Labirintos*, o trio liderado por Carlos Barretto com Mário Delgado e José Salgueiro está neste momento no início de uma nova etapa. Se é tempo para fazer balanços, é-o ainda mais naturalmente para perspectivar o que vai acontecer de seguida: "Estes foram 15 anos extremamente ricos, com os seus altos e baixos, é certo (como tudo na vida), mas a verdade é que editámos cinco registos discográficos, demos imensos concertos e fizemos viagens por todo o mundo. Recebemos convites para programas de televisão e rádio e temos um público cada vez mais jovem a dar-nos força e coragem para continuar, seja através da sua presença nas actuações ao vivo, seja pela via das redes sociais. As demonstrações de apoio por parte dos fãs têm mantido a chama acesa."

Esta apresentação num dos palcos mais nobres de Portugal tem sabor a vitória, para mais considerando o risco assumido com o arranque do conceito Lokomotiv. "A ideia era formar um colectivo que fosse contra os cânones da minha própria actividade como músico, líder e compositor. Sentia-me preso às regras do jazz pós-bop, andava insatisfeito e frustrado, queria fazer algo diferente de tudo o que tinha realizado até então, sonhava com outras sonoridades, outros ritmos. Pesquisei a música etnográfica do nosso país, assim como a africana e a indiana, busquei elementos no rock e misturei tudo num *melting pot*, resultando daí o nosso CD de estreia, *Suite da Terra*. As críticas da altura foram ferozes, mas o público gostava dos nossos concertos. José Duarte também gostou e levou-nos a Macau para três apresentações públicas. A coisa foi acontecendo, não sem alguma polémica, mas a minha teimosia foi mais forte e lá continuámos o nosso caminho", recorda o contrabaixista.

"A evolução do grupo foi sofrendo mudanças estéticas que passaram pela abolição da harmonia, pela introdução de elementos *free*, por mais improvisação e menos escrita temática, pelo diálogo colectivo, pela introdução dos princípios da harmolodia de Ornette Coleman e pela inclusão de improvisadores convidados, como Louis Sclavis, François Corneloup e Sérgio Carolino... O que pretendo é continuar a ter a possibilidade de concretizar as minhas ideias musicais, e sem o contributo da dupla Delgado/Salgueiro isso nunca teria sido possível", refere ainda, considerando que só algumas das batalhas estão ganhas numa luta que, necessariamente, terá de continuar.

Uma luta com várias frentes, estando estes três músicos envolvidos numa multiplicidade de projectos. Barretto é membro do trio de Bernardo Sassetti, também de longa duração, e com este lançou recentemente o celebrado *Motion*. Tal como Salgueiro, integra o El Fad de José Peixoto. Com António Eustáquio na guitarra portuguesa barítono, uma idealização de Carlos Paredes, formou a célula Guitolão. Com base na sua própria pintura, mantém o programa do *work-in-progress* Solo Pictórico, que este ano vai ter disco. Por sua vez, Delgado lidera os Filactera e é um dos vértices do triângulo TGB, que há uns

meses também fez sair um novo CD, *Evil Things*, para além de estar presente nos Matéria-Prima de Carlos Bica e de militar no Deambulações de Jorge Moniz, onde, de resto, também encontramos Carlos Barretto. Salgueiro é outro activo protagonista da cena nacional, numa série de investimentos em que se destacam o quarteto de baterias Tim Tim Por Tim Tum e os Adufe, estes entrando sem complexos pelos terrenos da música popular portuguesa.

Labirintos surge depois de sete anos sem gravarem como Lokomotiv: "Nessa medida, é um disco de regresso, com alguns temas novos e outros recuperados, e um motor de arranque para uma nova temporada de concertos. Não penso que traga grandes novidades relativamente ao que fizemos antes, mas mostra o estado de espírito actual do grupo. Foi bom regressar aos estúdios e mais uma vez os meus parceiros incutiram todo o seu empenho na música. Foram incansáveis." O reconhecimento por Carlos Barretto das contribuições de Delgado e Salgueiro é óbvio: "Quando quis iniciar este projecto senti que tinha de convidar músicos com capacidade e experiência em diferentes géneros musicais – jazz, rock, contemporânea, tradicional, pop. Ora, o Mário e o José são dos poucos que entre nós têm essas características. Já nos conhecíamos das lides e éramos bons amigos. Eles ficaram entusiasmados com o convite e começámos a ensaiar. Desde logo sentimos que havia um entrosamento natural em tudo o que nos saía. Fácil foi criarmos uma crescente cumplicidade ao longo dos anos."

Essa empatia faz-se sentir tanto pela maturidade alcançada por uma música com personalidade muito própria, como pela facilidade com que os três intervenientes mudam de rumo dentro das largas coordenadas a que se propuseram. Há um entendimento implícito quando os temas pedem uma expressão *folky* e mesmo lírica, ganhando uma coloração algo melancólica, ou quando convém uma entrega enérgica e "suja", com o guitarrista Mário Delgado a usar e a abusar da distorção e do *feedback*, denunciando a sua admiração por Jimi Hendrix e pelo rock progressivo. Por isso mesmo, a imprensa especializada internacional já apontou os Lokomotiv como um grupo "camaleão". Mais do que jazz de fusão, é um jazz trans-idiomático o que aqui temos, com os ditos idiomas a constituírem os labirintos indicados pelo título do álbum que assinala o 15º aniversário desta saga musical.

A evolução dos Lokomotiv atesta bem as mudanças no entendimento da música, procuradas, ou bem recebidas, pelo seu mentor: "Como músico e como ser humano sempre quis conhecer a história, desde os primórdios até à actualidade. Tive de estudar o clássico para compreender o contemporâneo e o *be bop* para entender o modal e o *free*. Foi preciso que eu improvisasse sobre estruturas harmónicas para poder improvisar livremente. Sempre senti a necessidade de passar por todos os estádios de evolução do jazz e da música improvisada, para melhor os assimilar e passar à fase seguinte. Hoje gosto de explorar situações mais soltas, mas continuo a utilizar o ritmo. Na composição opto por uma escrita linear, que possa contaminar a improvisação ou ser contaminada por esta, deixando mais terreno livre à espontaneidade." Dentro de tal enquadramento, tudo é passível de ser experimentado, "sem limites e com abertura de espírito".

Estas transformações mantiveram inapelavelmente nos Lokomotiv o que também já foi designado como "beleza crepuscular". Quer tal dizer que encontramos no grupo os traços distintivos de uma certa portugalidade. Se, com esta formação, Carlos Barretto se distanciou das fórmulas "à americana" que são comuns no jazz que por cá se toca, o certo é que conseguiu forjar nesse âmbito uma identidade musical lusitana – que não, simplesmente, "europeia". Quando surgiu, pouco havia que a igualasse (excepções foram os acima mencionados José Peixoto e Carlos Bica), e se hoje outros e muitos exemplos existem da mesma abordagem, como o flagrante caso de Júlio Resende, legítimo é concluir que este trio esteve na sua origem. Ou seja, não vamos apenas festejar estes músicos, mas igualmente a influência que tiveram para o desenvolvimento de um jazz iminentemente português. Não é possível desmentir mais a existência desta subcategoria (precise-se, para não haver dúvidas quanto ao que se pretende afirmar: "jazz português") no espectro universal do jazz. O processo de globalização deste género musical desde a Segunda Guerra Mundial tem sido também o da emergência de práticas regionais – falta ainda aceitar a evidência desta, a nossa, e outra não é a causa de Barretto e dos seus pares.

Outros 15 anos virão. E outros depois... Pelo menos é o que se deseja, e forças não faltam para lançar mãos à obra.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Carlos Barretto
contrabaixo

'Meu pai tocava guitarra e harmónica cromática. Ouvia insistentemente (e com um volume de som considerável) discos de Miles, Parker, Gillespie, Coltrane, Mingus, Monk, Ornette, mas também Elis Regina, Chico Buarque, Baden Powell, Gismonti, Hermeto Pascoal, Stravinsky, Bach, Os Tubarões, Milton Nascimento, Tchaikovsky...'

Foi neste ambiente que nasceu e cresceu Carlos Barretto. Aos seis anos interessou-se pela guitarra, com dez iniciou estudos de piano e solfejo no Conservatório Nacional de Música de Lisboa. No início dos anos 70, por iniciativa de Luiz Villas-Boas, tiveram lugar os primeiros festivais de jazz (Cascais) de que há memória em Portugal. Foi nessa altura que Carlos Barretto, impressionado com a mestria dos instrumentistas que ali desfilavam, despertou interesse pelo contrabaixo. Estudou com o professor Armando Crispim, com quem terminou o curso do Conservatório Nacional de Música de Lisboa. Paralelamente, frequentou a primeira escola de jazz do país (a do Hot Clube de Portugal) e fez as primeiras experiências amadoras com músicos locais. Estudou, mais tarde, com o mestre Ludwig Streicher, na Academia Superior de Música de Viena (Áustria). Nesta cidade teve a oportunidade de trabalhar com músicos de jazz como Fritz Pauer (acompanhador regular de Art Farmer), Joris Dudli e Christian Radovan (elementos da Vienna Art Orchestra). Regressa a Lisboa, ingressando na Orquestra Sinfónica da RDP, e colaborando em projectos de artistas da música popular portuguesa. Por esta altura – a profissionalização do jazz dava os primeiros passos em Portugal – Carlos Barretto colaborou em concertos na companhia de músicos da sua geração como Mário Laginha, Carlos Martins e Mário Barreiros, entre outros. Em 1984, reflexo do frustrante panorama cultural e artístico que então se vivia em Portugal, Carlos Barretto estabelece residência em Paris, apostado em fazer da música improvisada a sua filosofia de vida e carreira profissional. Naquela cidade encontrou um mercado muito mais vasto no plano jazzístico, tendo actuado nos mais prestigiados clubes de jazz como o New Morning, o Magnetic Terrasse, Petit Journal Montparnasse, La Villa, Bilboquet ou o Dunois, onde se apresentou ao lado de músicos como Steve Grossman, Steve Lacy, Steve Potts, Barry Altschul, Aldo Romano, Hal Singer, Alain Jean Marie, George Brown, Michel Graillier, entre muitos outros. Participou em inúmeros festivais em França, com destaque para os de Coutances (Jazz sous les Pommiers), Jazz à Vienne, Jazz à Marciac, Radio France (Paris, Montpellier), Festival de Calvi (Córsega), Banlieues Bleues (Paris), Nantes, Perpignan, Limoges, ao lado de músicos de renome como Horace Parlan, Tony Scott, Lee Konitz, Glenn Ferris, Siegfried Kessler, John Betsch. Em 1990, gravou um CD ao vivo com Mal Waldron, na Bélgica, seguindo-se uma série de concertos em Amesterdão, Roterdão, Metz, Le Havre, Nantes e Paris. Participou igualmente em emissões de rádio com destaque para as da Radio-France (concertos transmitidos em directo ou diferido) com Mal Waldron, Richard Raux, François Chassagnite, Jeff Sicard, e para a France-Inter com Lee Konitz, Carlos Barretto Quartet. Quanto à televisão, assinala a sua presença na TV-M6 com Horace Parlan, Tony Scott e John Betsch. Ainda durante a sua estadia em França, teve ocasião de tocar em diversas formações noutros países como a Suíça, a Holanda, a Alemanha, a Bélgica, Espanha, Andorra, Itália, a Hungria e a Áustria. De regresso a Portugal, em 1993, foi convidado a leccionar na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Integrou formações nacionais actuando em concertos e festivais por todo o país (Festival Europeu do Porto, Fundação de Serralves, Centro Cultural de Belém, Encontros de Jazz em Évora, Jazz em Lisboa, Festival de Jazz de Guimarães), inúmeros concertos no Hot Clube de Portugal, dos quais se destacam as prestações com Lee Konitz, John Stubblefield, George Cables, Lynne Arriale, Cindy Blackman e com a sua própria formação (Carlos Barretto Quintet), que incluía Perico Sambeat, François Théberge, Bernardo Sassetti e Mário Barreiros. Com esta formação gravou o seu primeiro CD como líder – *Impressões* (para a editora Movieplay), tendo efectuado concertos em Portugal, Espanha, França e Suíça, sempre com rasgados elogios por parte da crítica especializada. Em 94 volta a trabalhar com o George Cables Trio, gravando o CD *Alone Together* (Groove – Movieplay). Com o seu quinteto, ou como convidado de outras formações, Carlos Barretto esteve presente em Espanha, Angola, Cabo-Verde, Argentina e Marrocos. Em 1996 reformula o seu quinteto (desta vez com Bob Sands, Perico Sambeat, Albert Bover e Philippe Soirat) e grava *Going Up* (Challenge – Dargil), considerado o Melhor CD do Ano em Portugal e distinguido com o Prémio Villas-Boas da Câmara Municipal de Cascais. Entra em nova digressão e marca presença nos festivais internacionais no Porto, Lisboa, Seixal, Loulé, Guarda, Madrid e Barcelona. Nesse mesmo ano grava *Passagem* de Carlos Martins (Enja – com Cindy Blackman e Bernardo Sassetti). 1997 foi um ano de grande actividade para Carlos Barretto, em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, França e Inglaterra, países onde foi convidado a acompanhar grandes nomes do jazz como Art Farmer, Brad Mehldau, Kirk Lightsey, Don Moye, Gary Bartz e Joe Chambers. Forma um novo grupo com José Salgueiro e Mário Delgado – Suite da Terra – a fim de experimentar sonoridades diferentes. Em Dezembro de 97 faz alguns concertos em Espanha e grava *Jumpstart* (Fresh Sound) com o Quarteto de Bob Sands. Em 1998 o Trio de Carlos Barretto grava *Suite da Terra* (BAB – Dargil) com a intenção de experimentar a fusão entre as melodias e ritmos de raiz tradicional portuguesa com a música improvisada, alguns elementos do rock e também sabores africanos ou orientais. Carlos Barretto compôs *Os seis sentidos*, coreografados por Ana Rita Barata e Peter Michael Dietz para o Festival dos 100 Dias (Expo 98), integrado no espectáculo *Quadrofonia do Tempo*, com Bernardo Sassetti, Carlos Martins e Laurent Filipe. Em Maio, lança o CD *Suite da Terra*, faz uma digressão pelo país, várias passagens na Expo 98 e uma viagem até Macau para uma série de concertos. Em 1999, com Bernardo Sassetti, Mário Barreiros e Perico Sambeat, o

Quarteto Carlos Barretto edita o CD *Olhar* (Up Beat), considerado um dos melhores CD's do ano e apresentado ao vivo em vários espectáculos por todo o país. Em 2000 grava *Silêncios*, segundo trabalho discográfico do seu trio com Mário Delgado e José Salgueiro (Foco Musical). Com o Quarteto actua por todo o país, incluindo Açores, e Espanha. Integra o programa de concertos Unifonia em digressão pelas universidades portuguesas. Estreia o seu projecto Solo Pictórico, com música e pintura da sua autoria apresentando-se em vários espectáculos. Desenvolve um projecto pedagógico direccionado para a descoberta de novos instrumentistas nos *workshops* que dirige, criando obras originais para ensembles de contrabaixo.

2002 marca o lançamento das edições discográficas *Solo Pictórico* e *Carlos Barretto Trio – Radio Song*, este com a participação especial do clarinetista francês Louis Sclavis, considerado o melhor CD de Jazz Português do Ano pela *All Jazz – Revista de Jazz*. Estreia um novo projecto de música improvisada – *Contra3aixos* – com os contrabaixistas Carlos Bica e José Eduardo. Assume também as funções de director artístico dos Festivais Internacionais de Jazz de Tomar e de Portalegre.

Logo no ano seguinte é editado novo trabalho, *Lokomotiv*, que conta com a participação de François Corneloup nos sopros.

Em 2005, motivado por inúmeros convites para colaborar em outros projectos (Bob Sands, Perico Sambeat, Doris Cales) muda-se para Madrid. Regressa no final de 2007 e, desde então, torna-se cada vez mais evidente a sua actividade enquanto Pintor.

Recentemente expôs na Galeria do Forum Municipal da Câmara Municipal do Seixal.

Sobre a nova exposição, "Esta é uma série de dez novas pinturas sobre personagens solitárias. Músicos no acto de improvisar. Comum a todas elas é o fundo negro, silêncio universal invadido por minúsculos estilhaços de luz colorida, evocando emanações de sons imaginários".

Em Abril de 2010, é editado novo trabalho de Carlos Barretto, Mário Delgado e José Salgueiro, agora assumindo-se como Lokomotiv.

Discografia
Carlos Barretto Quintet, *Impressões* (Groove/Movieplay), 1994
Carlos Barretto Quintet, *Going Up* (Challenge), 1996
Carlos Martins Quarteto, *Passagem* (Enja), 1996
Carlos Barretto Trio, *Suite da Terra* (BAB/Dargil), 1998
Carlos Barretto 4, *Olhar* (Up Beat), 1999
Carlos Barretto Trio, *Silêncios* (Foco Musical), 2000
Carlos Barretto Trio, *Radio Song* (Cbtm), 2002
Carlos Barretto, *Solo Pictórico* (Cbtm), 2002
Carlos Barretto, *Lokomotiv* (Clean Feed/Trem Azul), 2003
Carlos Barretto Lokomotiv, *Labirintos* (Clean Feed/Trem Azul), 2010

Colaborações
Mal Waldron/Thierry Bruneau Quartet, *Serene* (Serene), 1991
Carlos Martins, *Sempre* (Emi/VC), 1996
Bob Sands Quartet, *Jumpstart* (Fresh Sound), 1997

George Cables Trio, *Alone Together* (Groove/Movieplay), 2000

Prémios
Prémio Luís Villas-Boas (Câmara Municipal de Cascais/Estoril Jazz), Melhor CD Jazz de 1996, *Going Up*
Prémio "5 Minutos de Jazz" de José Duarte, selecção melhor CD de 1996
Prémio da 13ª Gala do Rádio Clube de Leiria, Melhores Concertos de Jazz do Ano
Jazzosfera (Rui Neves), selecção Melhor CD, *Going Up*, 1996
A Capital (José Duarte), selecção Melhor CD, *Olhar* (Up Beat), 1999
Prémio Luís Villas-Boas (CM Cascais) – Melhor CD Jazz de 1999, *Olhar*
Melhor Disco de Jazz Português pela *All Jazz – Revista de Jazz*, *Radio Song*, 2002
Prémio Carlos Paredes (*Solo Pictórico*, 2002) e (*Lokomotiv*, 2003), atribuído pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Mário Delgado
guitarra

Mário Delgado começou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube, ainda quando José Eduardo e David Gausden leccionavam na cave da Praça da Alegria. Prosseguiu os seus estudos na Academia dos Amadores de Música, onde estudou guitarra clássica com José Peixoto e Piñero Nagy.

Prolongou a sua formação envolvendo-se em *ateliers* com alguns dos mais importantes guitarristas de jazz contemporâneos como John Abercrombie, Bill Frisell, Barney Kessel e Atilla Zoller, ou com mestres como Jimmy Giuffre, David Liebman, Steve Lacy, Han Bennink, Paul Motian e Joe Lovano, entre outros.

Em 1992, Delgado junta-se ao guitarrista José Peixoto e ao percussionista José Salgueiro para desenvolver um projecto que culminará na gravação do álbum *Taifas*, cruzando um espaço musical que se abria ao universo das sonoridades árabes e mediterrânicas também presente na música do cantor Janita Salomé, com o qual Delgado gravou.

É ainda sob o signo do cruzamento de linguagens, mas desta vez numa aproximação heterodoxa às raízes portuguesas, que Mário Delgado e José Salgueiro se juntaram ao contrabaixista Carlos Barretto para gravar *Suite da Terra*. O guitarrista divide-se actualmente entre vários projectos, nomeadamente Filactera, Filactera Redux, TGB, Trio de Carlos Barretto (Carlos Barretto Lokomotiv), Quarteto de Maria João, Carlos Bica Matéria-Prima, LA Jumping Pulgas e Quarteto de Jorge Moniz.
A sua experiência como pedagogo liga-o desde 1990 à Escola de Jazz do Hot Clube e presentemente ao Curso de Jazz da Academia dos Amadores de Música, e à licenciatura de Jazz na Universidade de Évora.

Participou em 1995 no 6th Annual IASJ Meeting em Israel onde representou a Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal.

Em 2005 recebeu o Prémio Carlos Paredes atribuído pela Câmara de Vila Franca de Xira ao disco *Tuba, Guitarra e Bateria* do colectivo TGB (Carolino, Delgado, Frazão).

José Salgueiro
bateria e percussões

Estudou na Academia dos Amadores de Música, Conservatório Nacional, Hot Clube de Portugal e no Taller de Musics, em Barcelona. Participou em *workshops* sobre improvisação, bateria e trompete, em Barcelona com Max Roach, Billy Hart, Ron McLoure, David Liebman, Richard Beirack, Paul Motion e John Tchichai.
A sua actividade musical passou por concertos, gravações de discos e espectáculos com Sérgio Godinho, Zeca Afonso, Janita Salomé, Camané, Vitorino, José Mário Branco, Rui Veloso e Pedro Jóia, entre outros. No campo do jazz participou em projectos de António Pinho Vargas, Bernardo Sassetti, Perico Sambeat, Carlos Martins, Carlos Bica, Pedro Burmester, João Paulo Esteves da Silva, José Peixoto, Carlos Zíngaro e da dupla Maria João e Mário Laginha. Em Março de 2001, integrou o Quinteto de Wayne Shorter, num espectáculo integrado na programação de jazz do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. De 1983 a 1991 foi baterista dos Trovante. Integrou igualmente grupos como Resistência e Cal Viva. Em 2003, foi desafiado por Coimbra Capital Nacional da Cultura a criar o projecto Mátria. Até 2007, fez parte dos Gaiteiros de Lisboa. É mentor e produtor dos Tim Tim por Tim Tum (diálogos de baterias). Actualmente, toca com Lokomotiv de Carlos Barretto e El Fad de José Peixoto. Em 1998, concebeu por encomenda da Expo'98, ADUF, um espectáculo sobre instrumentos tradicionais portugueses. ADUF esteve em digressão durante quatro anos, tendo feito inúmeras apresentações nacionais e internacionais, com destaque para a Expo 2002, em Hanôver (Alemanha) e Tilburg na Holanda. Em 2008, retoma o projecto ADUF, em parceria com José Peixoto e Maria Berasarte, com um registo áudio editado em 2010 pela editora Adufmusica do qual é fundador.

Próximo espectáculo

© JB Mondino

Vita · Monteverdi-Scelsi
Sonia Wieder-Atherton
Ciclo Concertos no Palco

Música Sáb 26 Março
Palco do Grande Auditório · 18h00
Duração: 1h10 · M12

Violoncelo Sonia Wieder-Atherton
Violoncelos Sarah Iancu e Matthieu Lejeune

Programa

Claudio Monteverdi (1567-1643)
Avoce sola' Se i languidi miei sguardi *

Claudio Monteverdi
Ardo *

Giacinto Scelsi (1905-1988)
Triphon II (Trilogia *As três idades do homem*)

Claudio Monteverdi
Mentre vaga Angioletta (8º Livro) *

Claudio Monteverdi
'Introdução' *non morir Senequa,*
excerto de *L'incoronazione di Poppea* **

Giacinto Scelsi
Triphon III

Claudio Monteverdi
Altri canti d'amor (excerto, 8º Livro) **

Giacinto Scelsi
Dithome

Claudio Monteverdi
Hor ch'el Ciel e la Terra
(excerto, 8º Livro) **

Giacinto Scelsi
Ygghur I

Claudio Monteverdi
Il combattimento di Tancredi e Clorinda
(excerto, 8º Livro) **

* transcrição de Sonia Wieder-Atherton
** transcrição de Sonia Wieder-Atherton e Franck Krawczyck

Os portadores de bilhete para o espectáculo
têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração
Presidente
António Maldonado Gonelha
Administradores
Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores
Dança
Gil Mendo
Teatro
Francisco Frazão
Arte Contemporânea
Miguel Wandschneider
Serviço Educativo
Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção
Margarida Mota

Produção e Secretariado
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições
Coordenação de Produção
Mário Valente
Produção e Montagem
António Sequeira Lopes
Produção
Paula Tavares dos Santos
Montagem
Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação
Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais
Patrícia Blazquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros
Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica
Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes
Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica
José Manuel Rodrigues

Audiovisuais
Américo Firmino
coordenador
Paulo Abrantes
chefe de áudio
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena
Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena
Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar
Álvaro Coelho

Frente de Casa
Rute Sousa

Bilheteira
Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção
Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo
Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos
Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo